

COMÉRCIO EXTERIOR

FHC e Bush se propõem a resolver diferenças

Discurso revela disponibilidade para colaboração, mas sem definir prazos

PAULO SOTERO
Correspondente

WASHINGTON – Os presidentes Fernando Henrique Cardoso e George W. Bush concordaram ontem em trabalhar para resolver as diferenças entre os dois países na área do comércio e aprofundar as relações entre o Brasil e os Estados Unidos. Mas não trataram sobre prazos ou outras questões específicas ligadas ao processo de criação da Área de Livre Comércio das Américas (Alca), que são os desafios mais imediatos do diálogo entre os dois governos.

“Não há diferença entre nós no que diz respeito ao desejo de cooperar e estou confiante de que termos relações frutíferas”, afirmou Bush, depois de uma conversa inicial a sós com Fernando Henrique. “É do nosso melhor interesse ter uma relação próxima com o Brasil.”

A ausência de uma declaração conjunta dos dois presidentes, que chegou a ser explorada, por iniciativa americana, indicou, no fim do encontro de pouco mais de uma hora, no Salão Oval, que o primeiro encontro do líder brasileiro com o novo presidente americano foi mesmo uma ocasião para que eles pudessem se conhecer e iniciar um relacionamento pessoal.

Foi com esse espírito que Bush saudou o líder brasileiro, diante dos jornalistas, antes do encontro ampliado que se seguiu à conversa inicial dos dois líderes, com a presença de quatro assessores americanos (o secretário de Estado Colin Powell; o representante de Comércio, Robert Zoellick; a assessora de segurança, Condoleezza Rice; e o assessor para a América Latina, John Maisto) e três brasileiros (o chanceler Celso Lafer; o embaixador em Washington, Rubens Barbosa; e o conselheiro internacional do Planalto, Eduardo Santos).

durou pouco menos de um hora. “É uma honra para mim dar as boas-vindas ao nosso amigo do Brasil”, disse o líder americano, depois de um momento de hesitação no qual parecia estar tentando se lembrar do nome do visitante. “Temos muito em comum, o Brasil é uma nação vasta, é uma democracia, tem um imenso potencial econômico e um governo presidido por um bom homem”, continuou Bush. “Tivemos uma discussão boa e franca sobre vários assuntos. Não tenho nenhuma dúvida de que teremos boas relações e que,



Fernando Henrique e George W. Bush: ‘discussão boa e franca sobre vários assuntos’ nas palavras do presidente americano

à medida em que cooperarmos juntos, os povos de ambos países se beneficiarão.”

O presidente dos EUA disse que ele e Fernando Henrique discutiram “vários temas, incluindo o comércio, e concordamos em trabalhar de perto para ver se podemos encontrar um caminho para os nossos países continuarem a interagir um com o outro”. Bush descreveu o Brasil, que procurou pronunciar à brasileira, como “um país no qual os EUA investem muito dinheiro porque o Brasil é um lugar seguro para se investir di-

neiro – e vamos fazer tudo para que continue assim e para manter nosso relacionamento forte”.

A visita motivou reportagens marcadamente positivas sobre o presidente brasileiro nas edições de ontem dos jornais *Washington Post*, *New York Times* e *Financial Times*. As matérias destacaram o crescimento econômico no Brasil, o aumento da popularidade de Fernando Henrique e o novo reconhecimento pelos EUA do papel de liderança do país na região. O *Financial Times* notou que a visita de Fernando Henrique continha uma curiosa inversão de papéis, na qual o mais tarimbado líder brasileiro não vinha pedir nada, enquanto que seu colega americano esperava que o encontro desse novo impulso à Alca.

HORA DOS ACERTOS

Principais divergências entre Brasil e Estados Unidos

- 1 Início**
FHC insiste em manter o início da Alca para 2005, alegando que é preciso de tempo para diminuir o custo da produção nacional e preparar os setores menos competitivos para o livre comércio. George W. Bush, assim como os governos do Canadá e do Chile, querem adiantar o prazo para “o quanto antes”.
- 2 Legislação**
Governo brasileiro cobra de Bush uma solução para as leis antidumping (proteção contra práticas desleais de comércio) e o mecanismo de fast track (necessidade de autorização do Congresso para negociar a Alca).
- 3 Barreiras**
Subsídio do governo americano à soja chega a US\$ 30 bilhões por ano e reduz as exportações brasileiras do produto. Barreiras dos EUA à importação de produtos agroindustriais afetam até 60% das exportações do País para os americanos.
- 4 Aço**
Produção do Brasil não entra nos EUA, sob a justificativa de que o produto brasileiro é subsidiado.
- 5 Licitações**
Até agora, o Brasil também não aceita negociar um dos pontos de maior interesse dos EUA – condições de igualdade para outros países nas licitações do governo e liberalização do setor de serviços.

▶ O projeto da Área de Livre Comércio das Américas prevê um bloco reunindo todas as economias do continente (exceto Cuba), com livre circulação de produtos, sem tarifas. A proposta, apresentada pelo ex-presidente americano Bill Clinton na 1ª Cúpula das Américas, em 1994, em Miami, foi aceita por 34 chefes de Estado. Ficou acertado negociar os termos da abertura comercial até 31 de dezembro de 2004.

Ao responder, o presidente brasileiro indicou, de forma indireta e delicada, que era o mais sênior dos dois. “Conheci seu pai (o ex-presidente George H. Bush) e agora, estou muito feliz de ver como o senhor é”, disse Fernando Henrique.

O presidente classificou a conversa com seu colega americano

de “muito agradável”. “Concordo consigo, sir, no sentido de que o Brasil e os EUA têm que estar cada vez mais próximos, e não apenas em termos de comércio, mas do hemisfério em geral; em termos de segurança; em termos de democracia.” Numa curiosa inversão de papéis, que revela a maior experiência do presidente

brasileiro, suas afirmações mais substantivas soaram como as que os líderes americanos costumavam fazer no passado ao receber visitantes estrangeiros. Fernando Henrique lembrou que Brasil e os EUA “têm valores compartilhados” e “conhecem suas responsabilidades mundiais”.

“Sabemos que o mundo é desigual e que é necessário trabalhar e fazer muitas coisas para oferecer mais prosperidade para o nosso hemisfério, para a África e para outras partes”, disse. “Os Estados Unidos e o Brasil podem trabalhar juntos e trabalhar juntos.”

Perguntados pelo *Estado* se, após o encontro, trabalhariam para resolver as diferenças entre os dois países na área comercial, enfrentando as forças protecionistas em seus respectivos países, ambos saíram pela tangente. “Absolutamente, podemos trabalhar juntos”, respondeu Bush, depois de questionar se a pergunta também lhe era dirigida. “Tivemos uma discussão muito boa sobre comércio e o presidente e eu tomamos a decisão de resolver qualquer diferença que possa existir. Obviamente, cada um de nós tem questões diferentes e teremos de tratá-las dentro de nossas próprias fronteiras. Estamos ambos conscientes disso. Mas a coisa mais importante é o espírito de cooperação e não há diferenças (entre nós) no que diz respeito ao desejo de cooperar. Estou confiante de que teremos relações frutíferas (porque) é do nosso melhor interesse ter relações próximas com o Brasil.”

Bush reiterou a prioridade hemisférica de sua política externa dizendo que “a melhor política externa começa com boas relações em nossa vizinhança”. “O fato de o presidente (do Brasil) vir aqui e ter um diálogo frutífero comigo é uma indicação não apenas de que estamos interessados no que o presidente (Fernando Henrique) também está interessado e, por isso, sou muito agradecido.”

O líder brasileiro disse que concordava com o anfitrião, mas assinalou que, “de tempos em tempos, temos algumas diferenças, o que é normal entre nações”. Fernando Henrique referiu-se, em seguida, a uma frase que Bush usara, na véspera, depois de seu encontro com o primeiro-ministro alemão, Gerhard Schroeder, para dizer que, para ele, os interesses dos americanos vinham em primeiro lugar. “Para mim, primeiro (vem) o Brasil, isso é normal”, afirmou o líder brasileiro. “Mas vamos ver de que forma podemos cooperar.”

“Em relação ao comércio, todas as questões estão sendo discutidas em vários encontros”, disse Fernando Henrique, referindo-se aos grupos de trabalho da Alca. “Estamos fazendo progresso. É claro, temos de levar em conta a situação específica do Brasil, os interesses brasileiros e ver como resolver. Eventualmente, podemos ter conflitos de interesses, mas são interesses localizados, muito específicos, não podemos generalizar e dizer que há um confronto entre a América e o Brasil. Havendo diferença num ponto, precisamos tentar resolver a diferença. Esse é o caminho.”

Wilson Pedrosa/AE

ArtEstate